

Perfil de Dona Joana: entre casos e memórias de cura

Marcos Rodrigues¹

Recebido em setembro de 2021

Aceito em dezembro de 2021

RESUMO

Este artigo apresenta parte da história de vida de Dona Joana, líder religiosa na Ilha de Maré, em Salvador (BA). O objetivo é refletir sobre a pesquisa, com destaque para a técnica da observação participante e a ferramenta da entrevista, durante o trabalho de campo. A narrativa é um relato parcial da pesquisa para o curso de Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos com a construção do pesquisador e as dificuldades surgidas nas atividades. Esta abordagem etnográfica sinaliza a importância de rever o método a ser aplicado numa atividade empírica diante de surpresas.

Palavras-chave: Dona Joana; Ilha de Maré; História de vida.

Dona Joana's profile: between cases and healing memories

ABSTRACT

This article presents part of the life story of Dona Joana, religious leader from Ilha de Maré, in Salvador (BA). The objective is to reflect in the research, with emphasis on the technique of participant observation and the interview tool, during the fieldwork. The narrative is a partial report of the research for the Master's course in Ethnic and African Studies with the construction of the researcher and the difficulties that arose in the activities. This ethnographic approach signals the importance of reviewing the method to be applied in an empirical activity in the face of surprises.

Keywords: Dona Joana; Ilha de Maré; Life's history.

Num primeiro momento a ideia deste trabalho é apresentar uma breve reflexão sobre a fase de preparação para chegar até o objeto desta narrativa, seguindo as orientações de Geertz (2009). Para conhecer o campo, é preciso “estar lá” e para escrever as respectivas impressões, é preciso “estar aqui”. Um movimento de grande utilidade para repensar sobre a importância de se afastar para a construção do discurso. Num segundo momento, o trabalho situa a Ilha de Maré, em Salvador (BA), e expõe o desenrolar da pesquisa, entre momentos de

¹ Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA. Pesquisador colaborador do Museu Afro-brasileiro da UFBA (MAFRO), Salvador (BA), Brasil. Email: jmbr.ba@gmail.com.

encontros e desencontros, realização de entrevistas e a trajetória de Dona Joana na comunidade dentro de uma abordagem etnográfica.

Os momentos em que ocorre a arte da entrevista constituem registros do caderno de anotações cuja (re) leitura revela a dimensão do universo de experiências empíricas obtidas após a realização da pesquisa. Sendo “o procedimento mais usual no trabalho de campo” (MINAYO, 2002, p. 57) para obter informações das fontes escolhidas, a entrevista tem a qualidade funcional de interação entre pesquisador e informante, demonstra a importância do seu apoio à coleta de dados e ao caráter de observação participante em uma investigação científica.

A aplicação da entrevista semi-estruturada como recurso implica em uma opção de caráter teórico-metodológica na construção de um estudo etnográfico. E a reflexão sobre os caminhos percorridos entre negociação, preparação e realização da entrevista, desperta os sentimentos de gratidão aos contatos estabelecidos. Com isso, o caminho de reconstrução da memória facilita o esboço de uma trajetória ainda não revelada à luz do conhecimento. E ao tempo em que a etnografia ganha espaço no plano científico, também cresce o interesse por análise de elementos empíricos, a partir da entrevista, segundo o contexto e o conteúdo em questão para fins de eventual discussão.

O presente texto é um relato parcial do trabalho de campo da pesquisa desenvolvida no curso de Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).² Em perspectiva, discorre sobre a história de vida de Dona Joana, líder religiosa de Praia Grande, Ilha de Maré, uma trajetória de curandeira, rezadeira, parteira e mãe de santo. Personalidade importante para uma comunidade que se mantém em um contexto de carência absoluta dos serviços sociais básicos. Atuante desde a década de 1940, ou até antes, a memória de sua extensa bagagem se encontra restrita ao grupo familiar ou, no máximo, ao povo de santo³ do local.

² Versão parcial do capítulo 3 da Dissertação de Mestrado intitulada *Três Conversas de Barracão em Praia Grande (Ilha de Maré) hoje, assim como no tempo de Mãe Balbina*, defendida e aprovada em abril de 2012, orientada pelo Prof. Dr. Marcelo N. Bernardo da Cunha.

³ Comunidade praticante dos cultos de matriz africana.

Bem antes de realizar este trabalho, a ilha sempre se mostrou um terreno fértil de elementos passíveis de uma investigação. Para quem se interessa por histórias de vida, as comunidades nativas constituem grandes fontes de pesquisa. Logo, importa identificar os possíveis informantes para uma atividade de campo e ampliar o olhar sobre o local observado. Aos olhos de um visitante, a memória social é um fator silencioso perante os rastros da história de quem vive no local ao sabor do tempo em meio à paisagem natural. E assim a prática científica requer aliar o olhar observador e a habilidade de exploração da memória social para construir um discurso narrativo histórico. A curiosidade faz chegar à Ilha de Maré, conhecer os moradores e seus hábitos, a exemplo do recorte desta pesquisa na busca por histórias de vida na respectiva comunidade de terreiro.

Figura 1 - Mapa da Ilha de Maré em frente ao Porto de Aratu.



Fonte: Adaptação do autor do Portable Network Graphics

A Ilha de Maré (fig. 1) é a segunda em extensão, entre as mais de 50 da Baía de Todos os Santos, com quase 14 quilômetros quadrados de área⁴. Afastada de Salvador, a partir do terminal de São Tomé de Paripe, por apenas nove milhas náuticas (equivalente a cinco quilômetros), a ilha tornou-se ponto turístico sem muita estrutura ou local de veraneio para visitantes urbanos. Localizada em frente ao Porto de Aratu, na foz do rio Cotegipe, a Ilha de Maré possui uma população estimada em cerca de 6.434 habitantes⁵, majoritariamente pessoas negro-mestiças de baixa renda. A comunidade de Praia Grande fica na zona noroeste da ilha dividida em áreas imaginárias, de acordo com a ocupação territorial.

A Rua do Beco, um dos principais destinos de quem chega a Praia Grande, é onde mora Dona Joana. Estive lá algumas vezes como simples visitante, ainda sem saber a dimensão da sabedoria que tinha aquela senhora com jeito de avó, conselheira, dona de sua história. Na casa dos 80 anos, sem mostrar sinal de cansaço, em nada parecia ser mãe de 14 filhos. O senso de humor fazia parte do seu perfil. O olhar sempre na mira do horizonte.

Desde as primeiras vezes em que visitei a casa de Dona Joana, procurei identificar ou localizar sinais de sua liderança religiosa. Mas nada via além da sua simplicidade, do semblante sereno, olhar para o infinito. Muito tempo antes de idealizar este trabalho, quando a conheci, tinha a impressão de estar diante de uma senhora absoluta de si, tamanha a sua serenidade. Ali sentada numa poltrona, perto da janela, ao sabor do tempo, via todos que passavam para lá ou para cá. Nada parecia alterar o seu semblante tranquilo e alegre. É um pouco da sua história que segue na abordagem deste texto.

Dona Joana sabia receber quem chegasse à sua porta, desde que se identificasse, claro. Nada de turbante, nem conta no pescoço, nem bata, nem saia longa. Sua roupa diária era um vestido (tipo robe) e um lenço branco amarrado na cabeça, além de calçar um chinelinho leve. Na frente da casa nada indica ali

⁴ Dados da Secretaria Municipal dos Transportes Urbanos e Infra-Estrutura – SETIN informam que a ilha tem exatamente 13,79 km². Disponível em: <www.infraestrutura.salvador.ba.gov.br>. Acesso em: 2 jul. 2011.

⁵ Estimativa segundo os dados do censo de 2010 (IBGE).

ser um espaço religioso afro-brasileiro, mas a sua presença já consistia na típica representação, sem nenhum paramento que simbolizasse esse *habitus*. Dentro da interpretação de Pierre Bourdieu, aqui também o *habitus* é percebido como suporte de ajuda sobre as características de uma identidade social, de uma experiência de vida, um sistema de orientação, consciente ou não (SETTON, 2002).

Outrora portadora de uma conversa franca e descontraída, Joana do Nascimento da Encarnação, filha de Oxossi⁶ convicta, é uma pessoa que goza do respeito e admiração de quem a conhece. Órfã desde a infância, criada por Mãe Balbina⁷, parteira muito falada na região, acabou se tornando seu braço direito nos afazeres religiosos no terreiro de candomblé que ficava na Cidade de Palha. Herdou toda a sabedoria sobre cura e as habilidades de rezadeira e parteira. Grande conhecedora das folhas e suas funções, Dona Joana desempenhou com propriedade o ofício de curandeira junto à comunidade.

Durante a realização deste trabalho, D. Joana desfruta da companhia dos filhos, devido ao seu estado de saúde. Há cerca de cinco anos o quadro ficou delicado com a cegueira provocada pela catarata e pela deficiência auditiva. Recusou-se a passar por uma intervenção cirúrgica para recuperar a visão, sob alegação de que iria piorar. A perda da visão foi acompanhada pela surdez quase total. Foi também perdendo a mobilidade. À base de muito esforço se estabelece um diálogo com ela, que sempre quer saber o que está acontecendo em volta. Ao saber da entrega do livro *Mapeamento dos Terreiros* (2008)⁸ e diante do meu interesse em pesquisar sobre sua história, se mostrou entusiasmada. Recomendou ao filho Beneco que não falasse pelo meio, que falasse do princípio.

⁶ Deus da caça na cultura iorubá, representado como rei das matas na linhagem dos caboclos.

⁷ Balbina Bárbara de Santana, Mãe Bina de Iansã, (hoje lembrada como finada Balbina) era uma mulher multifacetada para a época em sua comunidade. Era considerada uma pessoa hábil e dotada de poderes sobrenaturais. Acumulava as funções de líder religiosa, parteira, médica popular e líder comunitária na região. Grande parte da população da Ilha de Maré até o início dos anos de 1960 nasceu através de suas mãos.

⁸ O Mapeamento dos Terreiros de Candomblé de Salvador foi um projeto desenvolvido pelas secretarias municipais da Reparação e da Habitação, em conjunto com o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) com o objetivo de conhecer, localizar e saber da situação fundiária desses espaços sagrados. Ver: SANTOS, Jocélio Teles dos (coord.). *Mapeamento dos Terreiros de Salvador*. Salvador. CEAO/UFBA, 2008.

O plano de entrevistar Dona Joana estava ameaçado. Com a iminência da pesquisa, o clima era bem diferente das primeiras vezes para o trabalho de campo. Como coletar alguma coisa diante da nova situação? Desafio para o pesquisador. Contudo, Dona Joana ainda mantinha alguns sinais de lucidez, falava a partir de algum estímulo, até cantarolava, lembrava nomes e coisas antigas. Mas nem sempre era assim. A construção de um relato pode levar em conta a reflexão de que num sentido mais amplo as pessoas são historiadoras pelo fato de aprenderem a contar histórias sobre suas próprias vidas ou ainda casos que lhes são atribuídos pela importância ou relação de significado (MONTENEGRO, 2005). Com sua história de luta pela sobrevivência, Dona Joana se mostrava uma pessoa muito rica em episódios da vida.

Terreiro de Oxossi é apenas um nome fantasia, sem nenhum tipo de registro, nem representação civil em forma de associação. A concepção de casa de culto se deu com a construção da residência durante a década de 1940. Impossível precisar uma data em função da carência de documentação fundiária e da incerteza da memória oral. A casa tem reconhecimento da população local muito mais em função de seu nome.

A casa possui seis cômodos mais uma área de serviço (que serve de barracão) junto ao quarto do santo. No fundo, uma área verde, íngreme, dispõe de algumas plantas de uso sagrado ou não. A área de serviço tem cerca vinte metros quadrados contornados por meias paredes. O chão de cimento tem o desenho de uma estrela no centro, o que sinaliza ali ser um espaço religioso. Vasos plásticos reciclados com folhas dentro ficam pendurados no entorno, seja na parede ou em alguma pilastra. O quarto do santo acoplado, de acesso restrito, tem as paredes pintadas de verde claro e o chão pavimentado com cerâmica branca. Com pouca iluminação, ali estão todos os santos da devoção e simpatia de Dona Joana (fig. 2).

Figura 2 - Quarto do santo



Fonte: Marcos Rodrigues / Pesquisa de campo.

Na sua agenda de atividades, a casa realiza uma festa por ano, de Oxossi, em 23 de abril (dia de São Jorge no calendário católico). Também oferece o caruru de Crispina,⁹ no dia 25 de outubro, em homenagem a São Crispim e ao aniversário de uma das filhas. Formar uma família de santo nunca foi do interesse. Dona Joana nunca iniciou ninguém e sempre cuidou de tudo sozinha ou com a ajuda dos filhos em alguns momentos.

Tive a oportunidade de ouvir Dona Joana conversar algumas vezes. Com a fala mansa, uma sabedoria admirável, ali na cadeira, próximo da janela, via todo mundo passar, no seu modo simples de ser. Certamente teria sido assim que aprendeu e teria passado um pouco do que sabia a quem soube aproveitar. Seria o seu modo de cultivar a ancestralidade? Em torno dessa questão que envolve memória, esquecimento e silêncio, Michael Pollak (1989) apresenta esses aspectos como integrantes da estrutura da coletividade a que pertencemos, já apontados

⁹ O mais comum é o caruru de Cosme e Damião, cerimônia tradicional de origem africana sincretizada com rituais católicos, realizada por famílias que possuem descendentes gêmeos nascidos em setembro. Entretanto, na região Nordeste observa-se casas que oferecem caruru de Crispina em devoção a São Crispim pelos (as) filhos (as) nascidos (as) em outubro.

por Maurice Halbwachs.¹⁰ Segundo Pollak, Halbwachs indica a existência da memória seletiva e negociada em busca de uma conciliação entre o coletivo e o individual.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea na sociedade civil dominada e de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (POLLAK, 1989, p. 8).

É possível perceber a importância da memória coletiva para garantir temporariamente parte da história de uma pessoa ou de um grupo, pois

[...] nenhum grupo social, nenhuma instituição, por mais estáveis e sólidos que possam parecer, têm sua perenidade assegurada. Sua memória, contudo, pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito que por não poder se ancorar na realidade política do momento, alimenta-se de referências culturais, literárias ou religiosas (POLLAK, 1989, p.11).

Assim como a coleta de dados em uma pesquisa de campo ocorre através do que é possível encontrar, a construção da história de vida por meio da oralidade se dá conforme o momento da sua realização. Com seu caráter seletivo, a memória busca elementos que marcaram uma existência. Por ser um elemento de construção de antigas e novas narrativas, a memória recupera e traduz o conhecimento histórico. Para levantar as memórias de Dona Joana, os interlocutores conseguiram fazer uma retrospectiva, ainda que fragmentada, mas espontânea e rica em exemplos que dignificam o agora.

A ideia original era entrevistar Dona Joana como discípula de Balbina. Porém, em meio à pesquisa, a surpresa do campo mostrava a necessidade de repensar o trabalho. As anotações do caderno me lembram que Dona Joana não saía mais da cama, estava sob cuidados da família. E fazer entrevista era algo inadmissível no momento. O silêncio indicava um novo caminho ou uma parada provisória. Parar ou seguir em frente. A realização ou não da entrevista era uma

¹⁰ Ver: *La mémoire collective*, Paris, PUF, 1968.

etapa da pesquisa, que dava sua resposta. Como importante ferramenta de trabalho, a entrevista se tornava elemento relativo perante as fontes passíveis de exploração pelo procedimento metodológico da oralidade.

A recomendação do inglês Evans-Pritchard é de que “o antropólogo deve seguir o que encontra na sociedade que escolheu estudar: a organização, os valores e sentimentos do povo, e assim por diante” (1978, p. 300). Os fragmentos e indicações vão formando o mosaico da etnografia, através dos elementos coletados em campo. E esse longo espaço ocupado a propósito pela entrevista improvisada com Dona Joana possui uma representação simbólica de grande dimensão. Diante do quadro encontrado em que ela estava impossibilitada de conversar, dar entrevista ou qualquer coisa do gênero, esse trecho de diálogo que segue se constituiu uma grande conquista e uma relíquia para os arquivos da memória de Praia Grande.

Revendo as ideias e diálogos do caderno de anotações, o momento simbolizava uma encruzilhada. Era preciso aceitar o campo como ele se apresentava para o pesquisador. E apesar de estar transitando de forma satisfatória, era preciso rever as condições metodológicas seguidas até ali. O uso da entrevista era um detalhe essencial que poderia ser estrategicamente substituído pela coleta de narrativas outras e pela observação pura e simples. Já que o estudo não foi apenas baseado na técnica de entrevista, outras abordagens fizeram parte do trabalho de campo em contatos informais e diálogos espontâneos.

Algumas conversas aconteciam mesmo antes de marcar entrevista e geravam dados importantes para a construção do trabalho. Todo momento era uma oportunidade preciosa para observar e coletar dados. Houve ainda ocasiões em que deveria ocorrer entrevista e ficaram restritas ao plano da mera observação. Apesar do quadro delicado, era preciso muito esforço para manter um diálogo. E foi muito significativo o pouco que consegui obter de um depoimento ao vivo de Dona Joana.

Era um sábado pela manhã.¹¹ Cheguei lá para conversar um pouco. A varanda estava cheia de crianças. Ela encontrava-se no sofá sob cuidados das filhas Isabel, Nicinha e Anaíde. O clima não era dos melhores para entrevista. Mas a conversa começou espontaneamente sobre a formação da rua e o crescimento do local com a construção de casas, que eram cabanas de palha. Entre um momento e outro de observação, nada dizia que aquele dia seria diferente das outras vezes. Dona Joana tomava mingau. Isabel chegou mais perto e perguntou se lembrava quando chegou para morar ali. E tenta um diálogo com ela, conforme fragmentos a seguir:

Isabel - Essa casa, a senhora se lembra quando se mudou pra aqui?
Parida não foi?

Ela - Foi.

Isabel - De quem?

Ela - Eu não me lembro...

Isabel - Quem foi que nasceu no dia 2 de julho?

Ela - Foi Isabel...

Isabel - Era o dia da visita de quem?

(Ela não acertava responder. Ficou calada).

Isabel - Era dia de que?

Ela - Era dia 2 de julho... Eh... (e retomou um pouco da memória) Isabel Maria nasceu no dia 2 de julho...

Este nosso lugar de fala tão subjetivo se mostra também enquanto diálogo com o próprio campo na trilha de observações sobre *habitus* e comportamentos. Assim, a presença silenciosa do pesquisador/observador sugeria mais a postura de ouvir e ver, além de demonstrar um compromisso ético com o objeto observado e sua realidade. O diálogo com o caderno de campo também gerava possibilidades para realização de entrevista compreensiva, recurso tão bem difundido na pesquisa social. E contando com certa dose de improviso, consegui esse depoimento surpresa de Dona Joana. O recurso da entrevista compreensiva pressupõe uma relação mais pessoal entre os sujeitos por

¹¹ Observações do caderno de campo.

meio de elementos que até superam outras técnicas para mera coleta de informação, a exemplo do questionário.

Isabel - ah o rapaz agora quer que a senhora cante um pouquinho, tá ouvindo?

Ela - O que?

Isabel - Ele quer que a senhora cante uma música de Oxossi...

Ela - Cadê ele?

Isabel - Tá aqui esperando a senhora cantar...

Ela - Pra que?... (e acabou entoando)

*Oxossi é o dono da lua
veio ao mudo para clarear
eu queria ver Oxossi
para com ele eu falar...*

(cantou duas vezes)

Isabel - ... ele já ouviu, agora ele quer outra música de Oxossi...

Ela - (entou a segunda)

*Oxossi é
Oxossi é
Oxossi é
A luz do mato é...*

Isabel - Falta uma... falta outra de Oxossi... ele quer botar no livro... lembra de outra de Oxossi aí.

Ela - Cadê o rapaz?

Isabel - Oh, ele aqui tá esperando mais uma música... mais uma de Oxossi...

Ela - (Pausa)

*Ajunta maracanã
Eu sou filha de Oxossi
Meu pai é rei das elvas tatamirô...*

(deu sinal de cansaço) Já ouviu? Tem um bocado, mas na hora a pessoa se esquece...

Àquela altura, a satisfação era grande por ter ouvido Dona Joana cantar. Dali em diante tinha certeza de que não emitiria mais nenhuma declaração, nem cantaria a pedido de alguém, ainda mais para efeito da pesquisa. Para surpresa, mandou voltar no dia seguinte que ela cantaria outras. Feita a sua vontade. Fui logo pela manhã mais animado com a oportunidade de captar de novo o canto de Dona Joana. Mas, quando Isabel avisou da minha presença e pediu que cantasse para Oxossi, ela saiu com essa resposta: “hoje não, estou indisposta! Fica pra um

outro momento”. Foi motivo de muita brincadeira entre todos da família durante aqueles dias.

Dona Joana nasceu em parto muito difícil sob intervenção de Balbina, que foi chamada com urgência para salvar a mãe e a criança. Nasceu em 24 de junho, dia de São João, certamente, daí o seu nome. Órfã, aos seis anos de idade foi morar com a madrinha, que veio a ser também sua mãe de santo. Cresceu numa casa de culto onde aprendeu a fazer de tudo. Contava que não sabia qual foi o pior, se foi lá o que ela pegou ou se foi depois que se casou. Além de ir lavar roupa na fonte, distante alguns quilômetros, passava muita roupa no ferro de carvão. Era uma pessoa para fazer tudo: carregar água, fazer lenha, lavar, engomar. Era um tempo em que não havia luz elétrica no local e Dona Joana dizia servir de “burro de carga” a qualquer hora do dia ou da noite.

No trabalho de campo, a informante sugere outras fontes potenciais fora da comunidade. Dona Joana tinha a parceria de uma amiga de infância nos afazeres. A relação com Adelita, mais tarde sua comadre, nem todo filho tinha com o pai. Tudo era muito bem combinado entre as duas. Cresceram juntas e conviveram até o momento em que Dona Joana se casou. Tão grande era a consideração que Adelita batizou um dos filhos.

Sobre a sua formação escolar, Isabel disse o seguinte:

Ela estudou foi bem pouco. Mas aprendeu a fazer o nome. O que ela sabe mesmo foi dom de Deus, as coisas que ela sabe. Se ela aprendeu foi bem pouco, acho que só mesmo o nome, e soube ensinar coisas boa. E a outras pessoas também, pessoas de... desavença dentro de casa, procurava ela, as vez de querer largar a família, querer largar os filhos, ela dava aqueles conselho, aquela pessoa obedecia, ela não fazia aquilo [...].

É importante lembrar que o saber apreendido por Dona Joana se deu no universo do candomblé liderado por Balbina. Ter acesso e frequentar escola era para poucos. A criança crioula (negra) não gozava da facilidade de ir à escola. Possivelmente, alfabetizou-se e aprendeu a escrever o próprio nome. Com as primeiras letras, talvez tenha aprendido o suficiente para vencer as dificuldades de uma sociedade subletrada que exigia a qualificação de saber ler, escrever e

contar. Do ponto de vista social, tal perspectiva existia antes e continuou paralela à sua existência.

O sistema de hierarquia social sempre foi estabelecido nos grupos a partir da família e da escola, servindo como guia para o indivíduo frente à legitimação de grupos dominantes. A simbologia das lutas cotidianas expressas pelos julgamentos culturais regula a legitimidade da conduta do indivíduo (LAHIRE, 2006). Apesar de ninguém tocar na questão racial, o sentimento aparece permeado num discurso que recupera a memória para a compreensão das relações sociais. A consciência da discriminação está refletida na conversa com Isabel, embora as relações parecessem esboçar um exemplo de harmonia. Receber tratamento diferenciado na família de Balbina, por exemplo, significava muitas vezes ser escravo doméstico.

Enquanto viveu ao lado de Balbina, aprendera e fizera de tudo um pouco. Além de ajudante de parteira, era uma pequena comerciante, vendia comida típica como mingau, arroz doce, etc. Quando começou a constituir família, sua vida passou a se dividir entre os afazeres da casa de Balbina e os filhos. Os depoimentos dão conta de que na década de 1940 Dona Joana foi morar com a família em Praia Grande, na Rua do Beco. Na época, havia uma fileira de casas espaçadas de um só lado da rua. Em sua modesta moradia, Dona Joana começou a realizar sessões para Oxossi e a coisa foi crescendo devido à procura das pessoas com problemas espirituais e de saúde. Acolhia sempre disposta a atender por caridade. Não cobrava nada de ninguém.

Muita gente em estado de aflição chegava até ela em busca de cura e ninguém voltava do mesmo jeito. Se fosse o caso de alguém precisar se iniciar, ela dizia: “agora você vai procurar fulano de tal, isso aí já não é mais comigo”. Com muito conhecimento acumulado, se dedicava apenas a curar o mal passageiro de quem a procurava. A resistência entre as pessoas mais antigas no santo é histórica para assumir a liderança de uma casa. Em princípio desconversava, mas acabou revelando o motivo. A falta de respeito das pessoas em não cumprir ordem e resguardo, disse ela uma vez. Sua condição de parteira, médica popular ou orientadora lhe deu muito prestígio. Ainda hoje, todos reconhecem.

No momento deste trabalho, sendo a liderança religiosa mais antiga da ilha, portadora de grande sabedoria, costumava dizer que gostava de labutar com a vida e não se furtava em contar muitos casos e episódios vividos, apesar das limitações. Muita gente a denominava como “minha enfermeira”. Pessoa de importância reconhecida na sua comunidade, Dona Joana tem uma trajetória religiosa e de contribuição social que a simboliza como uma cartilha do saber popular. Dentre suas habilidades, ficou conhecida por preparar garrafada, isto é, medicina natural caseira para todo tipo de doença, seja física ou espiritual. É do conhecimento de todos na ilha sua prática de cura também com reza, banho de folhas e outros procedimentos hoje utilizados pela medicina alternativa.

Quando Dona Joana saiu da casa de Balbina, não aplicou a capacidade de empreendimento de sua mãe de santo. Porém, uma vez instalada em sua própria casa, seguiu com as práticas religiosas e, na medida do possível, procurava transmitir o que sabia para as filhas. Entre as testemunhas diretas, Dona Adelita acompanhou de perto a trajetória da amiga desde a fase da juventude.

P- E Dona Joana quando ela começou a atender gente em casa também?

Demorou muito que ela não queria, Joana toda especial... (risos) você não viu, ela não queria isso, não queria não queria... ela não queria mas a ordem de Deus ela teve que se dominar. Ela deixou muita coisa a desejar, se ela trabalhasse desde a época, a coisa tava bem melhor. Eu tô até querendo mandar chamar Beneco pra me dar uma rezada, ele sabe rezar de olhado... eu também sei. A minha família (por) parte de mãe todo mundo reza de olhado. A minha mãe era neta de africano. E aí a gente se une. A minha bisavó ensinou pra gente.

P- Mas Dona Joana aprendeu lá tudo com Dona Balbina?...

Minha comadre Joana é plantação de caboclo, é cá na ilha... Balbina não sabia fazer um O com o copo, mas na hora que ela tava possuída ela sabia, dizia o nome das coisa e tudo. Era filha de índio, a mãe dela era uma índia.

P- E Dona Joana quando ela começou a tratar as pessoas, a curar em casa? Como se dava esse processo todo?

Ia na casa dela, ela olhava, via o que precisava, tirava a nota. A pessoa vinha, fazia se fosse de ficar lá um dia, ficava se não fosse ia embora... mas ela sempre se escusando (risos)...

P- Por que ela sempre se escusava?

Ela dizia que era muita responsabilidade. Ela era assim, se ela botasse uma caneta aqui, ela queria achar todo o tempo ali, ela sempre detalhista, tudo dela era ali, não saía... era sempre exigindo. Ela levou muitos anos com um filho só, depois deus mandou mais...

P- Quando ela começou a fazer as sessões, a senhora conviveu com ela?

Convivi. Eu sempre ia pra Ilha de Maré, ia sábado e só voltava segunda... ia segunda, voltava na outra semana.. (risos) sempre, qualquer coisa que tinha, se eu não fosse não tinha... ah, minha comadre tinha que vir. Ia graças a Deus. Ela dizia que dava força, garimpava...

Dona Joana não fazia jogo de búzios, nem de cartas. Sempre trabalhou com a intuição e a vidência. Os filhos Beneco e Isabel relatam isso com muita segurança baseados em fatos vivenciados. Isabel guarda muitos detalhes da vida da mãe desde o tempo mais remoto. Segundo relatou, ela costumava reunir os filhos em torno de si para conversar e ali saiam os casos e causos. Sobre o legado da cura, esse aprendizado poderia ter sido bem mais aproveitado. E ao que parece não foi por falta de aviso nem conselho, pois todas reconhecem que ela ensinava.

De sua geração, não há mais ninguém. Mais do que apenas espaço físico, sua casa esboça uma face de sua trajetória, que significa respeito e reverência à herança que contribui para a construção de uma memória que, certamente, se mantém de acordo com os costumes modernos. Depois de acamada, somente em datas especiais Dona Joana era conduzida até a sala. No fim de tarde do dia 24 de junho, por exemplo, estava sentada numa poltrona junto à mesa decorada com um bolo e bandejas de doces e salgados. As filhas em volta começaram a cantar hinos católicos em louvor a Nossa Senhora, ao Senhor do Bonfim, etc. Em seguida, cantaram os parabéns e apagaram as velas dos seus 94 anos. Algumas pessoas fotografaram o momento. Sem demora, chegou um grupo de tocadores para fazer um samba em homenagem a Dona Joana.

Como campo de pesquisa, a casa de Dona Joana apresentou mais surpresas. Era o primeiro sábado de outubro e pelo calendário popular o dia de oferecer caruru nas casas é 27 de setembro. Os preparativos estavam a toda prova para a festa das crianças. Até ali, eu não entendia bem por que do caruru naquele período já que a informação prestada no início era de o caruru de Crispina acontecer em 25 de outubro. Para mim, como pesquisador, foi uma surpresa e a

postura não poderia ser outra senão a de observar até o momento de tirar as dúvidas sobre qualquer mal entendido.

Enquanto buscava o significado da festa, da brincadeira, tratei de registrar alguns momentos da fase preparativa do caruru. A observação participante gozava da confiança dos personagens envolvidos para o registro de imagens. Caso não fosse a campo naquele dia, iria perder o espetáculo do momento e não teria muito como rememorar através da narrativa indireta. Ninguém saberia contar com uma riqueza de detalhes, inclusive de imagens, sobre um caruru e um vatapá feito no fogo de lenha ao ar livre, para quem não presenciou.

Pela segunda vez o marido de Dona Joana, Seu Basílio, foi citado por Isabel para explicar o motivo de a casa realizar o ritual do caruru no mês de setembro. Possivelmente se não fosse inquirida por isso, nada falaria sobre o pai. Ao que tudo indica, a figura paterna nunca esteve muito presente na história da família. Seu Basílio era artesão e feirante, vendia balaaios na feira de São Joaquim. Antes trabalhou no Mercado Modelo. Um fato ocorreu com ele no local de venda com duas crianças, que teriam roubado uma cana do seu estoque. Daí em diante criou a devoção de oferecer caruru de Cosme, em setembro.

Quando ficou viúva, Dona Joana assumiu a obrigação alheia e seguiu com o ritual no sábado seguinte à data. É a primeira casa de que se tem notícia a oferecer caruru duas vezes. Percebe-se aí uma construção de identidade religiosa a partir de um paradigma deixado por alguém que hoje em nada afetaria a sua não realização. Portanto, de acordo com os olhares da etnicidade, tudo é construído, reinventado no plano da cultura, com novos significados (CUNHA, 1989).

Nos últimos anos, os filhos passaram a fazer o caruru de meio quilo, dizendo ser fora do calendário de celebrações da casa. Em Praia Grande, Dona Joana tinha uma grande importância para a comunidade, no período de caruru. Era costume ser convidada pelos devotos que faziam a cerimônia em suas casas para entoar as cantigas na hora dos meninos comerem. Nada começava sem a presença dela.

O trabalho de campo seguia na base de muita observação. Entre outras situações registradas, havia uma relação indireta entre os desejos de Dona Joana e as ações pragmáticas da família. Ainda ligada em alguma eventual movimentação pela casa, certamente seu maior desejo era que as celebrações tivessem continuidade. Nem todo mundo prestava mais atenção ao que dizia, devido ao seu estado enfermo. E apesar disso, persistia em recomendar alguma coisa, em pedir que os rituais não interrompessem ou perguntar por algum familiar.

Considerações finais

Assim procurei apresentar fragmentos da história de vida de Dona Joana, cuja trajetória se restringe à memória popular local, graças a seus feitos de cura e à afirmação dos seus códigos de crença. Sua extensa bagagem, certamente, poderia ser melhor aproveitada como legado. Os relatos de lembrança dos familiares possuem grande valor científico e cultural do ponto de vista da oralidade. A história de lideranças populares da ilha ainda segue invisível nos debates pelos estudos científicos sociais.

Nossa personagem teve um passado no qual desempenhou atividades diversas. Suas experiências de vida foram adquiridas basicamente no universo do terreiro onde foi criada. Assim, a construção da história de vida por meio da oralidade se dá conforme o momento da sua realização. Com seu caráter seletivo, a memória busca elementos que marcaram uma existência. Para levantar a história de Dona Joana, os interlocutores conseguiram fazer uma retrospectiva espontânea e rica em exemplos que dignificam o agora.

A narrativa também teve o papel de refletir sobre a aplicação das ferramentas metodológicas sugeridas por Geertz (2009) de “estar lá” e “estar aqui”, além de reafirmar o valor da entrevista para a construção do discurso etnográfico. A revisão do percurso do trabalho de campo demarcou o desafio de aprender a lidar com os imprevistos e estabelecer uma relação dialética entre pesquisador e objeto pesquisado. Rever os métodos de negociação no campo e

seguir com as investigações foi determinante para elaborar esse recorte da história de Dona Joana.

Referências

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Etnicidade: Da Cultura Residual mas Irredutível**. In: CARVALHO, Maria Rosário (org.). *Identidade étnica, Mobilização Política e Cidadania*. Salvador: UFBA/Egba, 1989, p. 42-55.

EVANS-PRITCHARD, E.E.. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.

GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas – o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

LAHIRE, Bernard. **A Cultura dos Indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A Família de Santo nos Candomblés jeje-nagô da Bahia**. 2ª ed. Salvador, Corrupio, 2003 [1977].

MINAYO, Maria Cecília de S. (org.) **Pesquisa social**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTENEGRO, A. T. **Oralidade, Memória e História: Questões Metodológicas**. *Encuentro Internacional de Historia Oral “Oralidad y Archivos de la Memoria”* Mayo 5, 6 y 7 de 2005. Disponível em: <www.dimensioneducativa.org.com> Acesso em 25 ago. 2011.

PAOLI, Maria. Célia Paoli. *Memória, História e Cidadania: o direito ao passado*. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira da. (Org.). **Direito à Memória**. 2ª ed. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico/ SMC/ Prefeitura do Município de São Paulo, 1992, v. 1, p. 25-29.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. *Estudos Históricos. Revista das Edições Vértice*, São Paulo, v.3, 1989, p. 9-15.

RODRIGUES, José Marcos B. **Três conversas de barracão em Praia Grande (Ilha de Maré): Hoje, assim como no tempo de Mãe Balbina**. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) - UFBA, Salvador, 2012.

SANTOS, Jocélio Teles dos (coord.). **Mapeamento dos Terreiros de Salvador**. Salvador. CEAO/UFBA, 2008.

SETTON, Maria da Graça J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 20, n. mai/ago, p. 60-70, 2002.

Fontes Orais

Belmérica Adelita Magalhães Matos, 82 anos, comadre de Dona Joana. Entrevista realizada em 27-7-2011.

Isabel Maria do Nascimento Pacheco, 56 anos, filha de Dona Joana. Entrevista realizada em 2-10-2011.